

## Ciência

# O dia de hoje

## O mérito da fantasia de que o mundo acaba depois de amanhã



Divulgação

Há quem diga que chegou em boa hora o filme *O Dia Depois de Amanhã*, em exibição no Brasil, produção de US\$ 125 milhões em que Hollywood pinta a catástrofe provocada pelo descuido da humanidade em deixar crescer aceleradamente na atmosfera a concentração dos gases do *efeito estufa*, principalmente o dióxido de carbono (CO<sup>2</sup>) resultado da queima de combustíveis fósseis. O filme teria o mérito de ajudar a conscientizar pessoas e governos de que é preciso começar já a reverter essa tendência, disse em entrevista à revista *Carta Capital* o oceanógrafo Wally Broecker, da Universidade Colúmbia, em Nova Iorque. Broecker disse também que seus sentimentos sobre o filme são contraditórios. “O filme é horrível porque explora um cenário que em grande parte foi desacreditado – aquele em que o aquecimento global congela a Europa – e o exagera sem limites”.

Broecker tem autoridade para falar do assunto. É dele a teoria em que se baseia o filme: o clima ameno da América do Norte e da Europa atuais se deve ao calor transportado pela Corrente do Golfo – o movimento em círculo das águas do Atlântico, que se aquecem no equador, lambem o Caribe e a costa leste da América do Norte e retornam para o sul margeando a Europa. Para funcionar regularmente, esse aquecedor natural depende da concentração de sal na água do mar. Se a salinidade diminuir, diminui também a capacidade de

retenção de calor pela água, bem como sua densidade, e isso poderia, em tese, interromper ou perturbar o ciclo da Corrente do Golfo. A teoria de Broecker vai até aí, mas permite especular, como faz o filme.

Ao longo deste século, o efeito estufa faria a temperatura média da superfície da Terra e da atmosfera subir o suficiente para derreter o gelo na Groenlândia e despejar uma quantidade monumental de água doce no Atlântico, diminuindo sua salinidade; enquanto o resto do planeta amargaria as agruras decorrentes do aquecimento geral (com a inundação de áreas costeiras devido à elevação do nível dos oceanos, pestes causadas pela proliferação de mosquitos, por exemplo), a Europa e a América do Norte pagariam a pena entrando em um período de resfriamento, com clima parecido com o da Sibéria.

**É melhor agir já** Broecker, no entanto, disse que esse cenário é pouco provável, pois os modelos indicam que seria preciso que a temperatura média da superfície e da atmosfera da Terra subisse em média 4 a 6 graus Celsius para que o mecanismo da Corrente do Golfo fosse interrompido. “Isso seria um aquecimento enorme e, com sorte, nunca chegaremos lá”, disse ele. E esse é o verdadeiro problema. Ao dizer, “com sorte”, Broecker quer dizer que será necessário fazer alguma coisa para impedir que a concentração de CO<sup>2</sup> na atmosfera, hoje de 370 partes por milhão (ppm), chegue no limite crítico de 600 a 700 ppm. Aí sim, o aquecimento causaria mudanças enormes, com efeitos sobre a vida selvagem, “embora a calota de gelo da Groenlândia não vá derreter tão rapidamente” (...) “talvez em uma escala de 500 anos”. O cientista aponta dois caminhos para evitar esses problemas, muito prováveis a longo prazo: “Em uma escala de 70 anos, nós temos de ou mudar para uma fonte alternativa de energia – que não seja baseada em combustíveis fósseis – ou retirar CO<sup>2</sup> da atmosfera”. É claro, não se pode pensar que 500 anos sejam uma eternidade. “Não queremos chegar lá”, disse Broecker, “especialmente porque não há previsão confiável sobre o que faremos ao mundo sob essas circunstâncias”. Ou seja: embora os problemas climáticos da terra do dia depois de amanhã sejam, no momento, uma discutível fantasia hollywoodiana, é bom começar a agir já, no dia de hoje. ■